

Alemães ou nazistas?

A construção do inimigo alemão na propaganda de guerra americana veiculada na imprensa durante a Segunda Guerra Mundial.

Wilson de Oliveira Neto¹

Resumo: Entre 1942 e 1945, o Brasil participou da Segunda Guerra Mundial ao lado dos Aliados. Em consequência, a imprensa brasileira foi abastecida com uma grande quantidade de propaganda de guerra americana, com destaque para as fotografias. O objetivo deste artigo é analisar a forma com a qual as forças armadas da Alemanha foram representadas nesse material fotojornalístico. Para tanto, foram examinadas as edições de jornais publicados no município catarinense de São Bento do Sul, que, entre 1943 e 1945, publicaram, em quase todas as suas edições, fotografias fornecidas pelas agências “Interamericana” e Serviço de Informações do Hemisfério ligadas ao comitê brasileiro do Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos, responsável pela articulação da política de “boa vizinhança” na América Latina. Após a coleta e a contextualização das imagens publicadas, constatou-se a divulgação de representações em que as forças combatentes da Alemanha foram associadas ao Nazismo e a todo um julgamento moral decorrente dessa associação. A rotulação foi fundamentada por fotografias e legendas que procuraram desmoralizar militarmente e moralmente as forças terrestres alemãs que, em contrapartida, legitimaram a luta dos Estados Unidos e seus aliados durante o conflito.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial; comunicação; propaganda de guerra; imprensa; fotografia.

Abstract: Brazil took part in World War II between 1942 and 1945 together with the Allies. Consequently, the Brazilian press received a large quantity of war propaganda from the United States of America, especially photos. The present article aims at analysing how the German Army was represented in this material. Therefore, photos published on local newspapers, distributed in São Bento do Sul, Santa Catarina, were examined. Between 1943 and 1945, almost every edition presented pictures supplied by the following agencies: “Interamericana” and “Serviço de informações do Hemisfério”, both connected with the Brazilian committee working at the coordination office for Interamerican matters, responsible for the political articulation of good neighborly relations in Latin America. After collecting and contextualizing the images that had been published, we were able to establish the diffusion of images representing the German Army associated to Nazism and the moral judgement related to this association. The labeling was substantiated by photos and captions with the intent of discrediting the German forces, morally and militarily. At the same time it legitimated the presence of The United States of America and the Allies in the conflict.

Keywords: World War II; communication; war propaganda; press; photography.

Germans or Nazis? The construction of the German enemy in American war propaganda carried in the press during World War II.

¹ Professor no curso de História da Universidade da Região de Joinville – Univille. Doutorando em Comunicação e Cultura na Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro – ECO/UFRJ. E-mail: wilson.o@univille.br

Introdução

O município de São Bento do Sul está localizado no nordeste do Estado de Santa Catarina. Ele surgiu a partir de uma colônia europeia, majoritariamente alemã, fundada em 1873, pela Sociedade Colonizadora Hanseática. Como em outros lugares do Brasil, cujas origens estão relacionadas à colonização alemã, durante as décadas de 1930 e 1940, boa parte da população são-bentense mantinha relações afetivas e culturais com a Alemanha. Não é de estranhar que eventos históricos como a Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) fizessem parte da vida cotidiana dos seus habitantes, conforme é possível constatar no memorialismo e na historiografia locais, a exemplo do trabalho de Carlos Augusto Campestrini (2008).

Durante a vigência desse conflito, diversos reflexos foram sentidos no então município de Serra Alta. Entre outros fatos, ocorreram a promoção de uma campanha para arrecadação de fundos para a Força Aérea Brasileira, a Campanha do Avião “Vingador”, o recrudescimento das medidas de Nacionalização, a exemplo do fechamento de entidades teuto-brasileiras existentes na cidade, tais como as atuais Sociedade de Atiradores “23 de Setembro” e Sociedade Literária “São Bento”. Junto com isso, também houve o envio de dezesseis cidadãos-soldados locais à Força Expedicionária Brasileira – FEB, que, entre 1944 e 1945, participou de operações militares na Itália (CAMPESTRINI, 2008).

Como em outras cidades do Brasil, a imprensa foi um dos meios através dos quais a população são-bentense entrou em contato com a Segunda Guerra Mundial. Entre 1939 e 1945, circularam no município dois jornais semanais, **O aço** e **Planalto**. O primeiro, foi lançado em 1º de setembro de 1936. Seu proprietário foi Ernesto Venera dos Santos, escritor, empresário e político, proprietário da Livraria Santos, cujo prédio estava localizado no Centro da cidade. Inicialmente, o jornal era bilíngue, alemão e português, e quinzenal. Mais tarde, tornou-se um semanário. Em 1943, a assinatura anual do jornal custava 15 Cruzeiros.

Até a instalação do Estado Novo, em novembro de 1937, **O aço** foi um periódico vinculado à Ação Integralista Brasileira – AIB. Fundada pelo escritor modernista Plínio Salgado (1895 – 1975) em 1932, a AIB foi um partido político inspirado no Fascismo. Foi, aliás, o primeiro partido político de massa no país e com alcance nacional, diferente dos partidos republicanos estaduais que protagonizaram o cenário político brasileiro durante a Primeira República (1889 – 1930).

Durante o Estado Novo, as edições de **O aço** foram censuradas pelo Capitão Athanasio de Freitas, na época, delegado de polícia. Pois, em São Bento do Sul não existia uma

representação formal do Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, cabendo ao delegado de polícia a manutenção de ordem política e social no município.

Em 24 de outubro de 1944, foi lançado o jornal **Planalto**, que substituiu **O aço** e que encerrou suas atividades em dezembro de 1943. Publicado somente em português, o periódico foi propriedade de Joaquim de Salles, sendo seu redator o Capitão Osmar Romão da Silva. Sob o registro no DIP número 14.236, **Planalto** foi um jornal governista, publicado até 1947. O historiador José Kormann (2006) informa que Salles e Silva foram prefeitos municipais, respectivamente, entre 1939 e 1942 / 1945 e 1947. Em seu número de lançamento, os responsáveis pelo periódico afirmaram ser a continuação, em “nova fase”, de **O aço**, independentes, defensores das causas justas, porém sem ser “jacobinos”, isto é, radicais, e guiados pelo ideal da unidade nacional (PLANALTO, 1944).

Desde o início do conflito, foram publicadas diversas notícias e imagens relacionadas à guerra nesses periódicos, como na edição de 20 de março de 1943 do jornal **O aço**, em que duas matérias publicadas em sua primeira página abordaram, respectivamente, a violenta repressão alemã contra a resistência holandesa e o envio de suprimentos dos Estados Unidos à União Soviética (EM ATIVIDADES..., 1943; O AUXÍLIO..., 1943).

Embora as matérias escritas tivessem fontes diversas, enviadas por agências de notícias ligadas a países neutros ou a nações beligerantes, até 1941 foram publicadas na imprensa local somente fotografias sobre o esforço de guerra alemão, fornecidas pela agência de notícias alemã RDV. No Brasil, ela estava vinculada às “Estradas de Ferro Alemãs” que, segundo Priscila Ferreira Perazzo (1999), foi uma das responsáveis pela veiculação de propaganda do regime nacional-socialista no país. De acordo com Antonio Pedro Tota (2000), até o rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e as potências do Eixo e a declaração brasileira de guerra, em 1942, o fornecimento de imagens e notícias baratas pelas agências alemãs dificultou bastante a inserção da propaganda de guerra dos Estados Unidos no Brasil. De fato, conforme é possível ler nas etiquetas das fotografias fornecidas pela RDV sob a guarda do Arquivo Histórico de Joinville – AHJ, a agência não cobrava pela publicação de suas fotografias em jornais e revista, sendo somente necessário o envio para a sucursal brasileira um comprovante acerca da publicação das fotografias fornecidas.

O material fotojornalístico distribuído no Brasil pela agência RDV era acompanhado por etiquetas que eram fixadas nos versos das fotografias. Nelas, por exemplo, eram datilografadas as legendas em português que deveriam acompanhar as fotografias quando das

suas publicações em jornais e revistas. No AHJ, esse material faz parte de uma coleção de material fotojornalístico sobre a Segunda Guerra Mundial reunido no álbum 3.1.8.36.7.

Nas fotografias fornecidas pela RDV, publicadas durante o ano de 1941 no jornal **O aço**, os alemães foram retratados como os protagonistas do conflito em curso naquele momento. Através das fotografias feitas pela *Propaganda Kompanie*², em teatros de operações na Grécia, no norte da África e na península Balcânica, as forças aéreas, terrestres e navais alemãs foram representadas como uma máquina de guerra moderna, profissional e implacável (RABITZSCH e OLIVEIRA NETO, 2018).

Porém, a partir de 1942, nos contextos de rompimento das relações diplomáticas entre o Brasil e a Alemanha, da guerra submarina contra os navios da Marinha Mercante brasileira e da declaração de guerra do governo brasileiro à Alemanha e à Itália, a publicação de fotografias da RDV cessou. No jornal **O aço**, até julho de 1943, nenhuma fotografia sobre o as batalhas e as campanhas militares em curso naquele momento foi publicada.

Com a declaração brasileira de guerra, em agosto de 1942, a imprensa nacional passou a receber exclusivamente material jornalístico/publicitário aliado, com destaque para o esforço de guerra dos Estados Unidos, cuja veiculação em jornais e revistas foi orientada pelo Departamento de Imprensa e Propaganda – DIP, órgão governamental federal que, à época, foi responsável pelo controle dos meios de comunicação no país, conforme constatou Silvana Goulart (1990).

De acordo com essa autora, durante o período em que existiu, 1939 – 1945, o DIP, monopolizou os meios de comunicação social no Brasil. Ele foi o resultado de um processo de ascensão do autoritarismo político e da centralização política no país, iniciado em 1930. Todos os meios de comunicação foram obrigados a veicular os discursos oficiais do Estado, assim como direcionar suas publicações conforme as diretrizes estabelecidas pelo órgão.

A Segunda Guerra Mundial e sua conjuntura impuseram restrições cotidianas à imprensa. Era proibida a divulgação das operações estratégicas das forças brasileiras, o transporte de material bélico, o contingente de soldados enviados ao *front*, o recrutamento, etc. Todo o noticiário ou fotos a respeito do conflito eram sujeitos à censura prévia ou à versões oficiais. Para culminar, em 10 de abril de 1944, foi proibida a citação do nome do Ministro da Guerra na imprensa paulista. Nesse mesmo ano, por exemplo, vetou-se a reprodução de fotos de oficiais russos, possivelmente com o sentido de evitar a propaganda indireta do regime soviético. A Semana do Corpo

² *Propaganda Kompanie* – PK ou *Prop.-Kp.* foi o nome do órgão de comunicação social subordinado ao Ministério da Propaganda do governo alemão responsável pela produção de imagens e matérias sobre o esforço de guerra alemão que foram distribuídas à imprensa alemã e internacional durante o conflito (KNIGHTLEY, 1978).

Expedicionário teve sua divulgação retardada por alguns dias. Outra nota condicionava notícias do desfile dessa corporação a versões distribuídas pela Agência Nacional (GOULART, 1990, p. 126 – 127).

Em São Bento do Sul não foi diferente e as primeiras fotografias acerca do esforço de guerra aliado foram publicadas nas edições de julho de 1943 de **O aço**, sendo fornecidas pela agência de notícias Interamericana, ligada ao Comitê Brasileiro do Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos, peça-chave na política de “boa vizinhança” entre os Estados Unidos e as nações latino-americanas, segundo informa Aline Vanessa Locastre (2017). Foram publicadas quatro fotografias, uma em cada edição desse jornal durante aquele mês, cujos temas giraram em torno da aliança entre americanos e britânicos e dos avanços militares dos aliados na Europa.

Contudo, naquelas fotografias, entre apertos de mãos, gerais sorridentes e bombas lançadas sobre um porto italiano, sutilmente, aparecem as primeiras referências sobre o inimigo, em particular, os alemães. Interessa para este trabalho analisar as formas com as quais o Eixo, em particular, os alemães, foram representados nas fotografias publicadas até 1945 nos jornais **O aço** e **Planalto**.

Em uma das suas discussões sobre as relações entre Comunicação e História, Marialva Barbosa (2018) afirma que o olhar histórico sobre os processos e as práticas comunicacionais implica a compreensão de como as sociedades se relacionam com suas respectivas expressões públicas. Nas regiões de colonização alemã no Sul do Brasil, a exemplo de Santa Catarina, a comunicação foi fundamental para seus habitantes não somente como uma forma de obtenção de notícias, como também um dos meios de afirmação de identidades culturais e de posicionamentos políticos (SEYFERTH, 1982).

Logo, inspirado nas considerações de Barbosa (2018), este artigo entende que ao examinar as representações sobre os alemães, através das fotografias sobre a guerra fornecidas por agências de notícias americanas, em um meio de expressão pública tão importante nas comunidades catarinenses de origem alemã, a exemplo de São Bento do Sul, pode contribuir com a compreensão da complexa relação entre comunicação, guerra e sociedade, indo além de um recorte de história regional. Pois, a Segunda Guerra Mundial foi um conflito militar internacional em que as fronteiras entre as frentes de combate e as retaguardas civis desapareceram; uma guerra na qual os processos comunicacionais tiveram grande importância na mobilização dos recursos humanos e materiais entre os países beligerantes.

“Para milhões de europeus, a Segunda Guerra Mundial [...] foi o que mais perto que chegaram do inferno na terra”, afirma Ian Kershaw (2016, p. 353). Pois, como explica

Koselleck (2014), esse conflito foi total em todos os seus aspectos e envolveu sociedades inteiras, sendo essencial nesse processo o uso da imprensa.

Na mobilização de recursos humanos e materiais ou na atenção da opinião pública, o emprego de material fotojornalístico foi imprescindível naquilo que se convencionou a chamar de “conquistar os corações e as mentes”. Seja em uma grande cidade, como o antigo Distrito Federal, a Cidade do Rio de Janeiro, ou em um pequeno município de Santa Catarina.

Para tanto, a metodologia para este trabalho consistiu na coleta e na leitura contextualizada das fotografias de guerra (e suas legendas) publicadas entre 1943 e 1945 nos jornais citados, que foram fornecidas pelas agências de notícias Interamericana e Serviço de Informação do Hemisfério (SIH) – ambas de origem americana, responsáveis pelo fornecimento de imagens e notícias acerca da guerra, sob a óptica dos Estados Unidos, à imprensa brasileira. Foram seguidas as sugestões práticas para o estudo de periódicos fornecidas por Tania Regina de Luca (2011), em seu trabalho sobre o uso das fontes impressas. Os resultados obtidos serão expostos e discutidos nos tópicos a seguir.

1. Fotografia e propaganda de guerra.

Quando da sua investigação sobre a reprodutibilidade técnica das obras de arte, o filósofo alemão Walter Benjamin (2012) considerou o desenvolvimento da litografia e da fotografia, durante o século XIX, marcos tecnológicos importantes no processo de reprodução técnica de imagens visuais. Especificamente, sobre a fotografia, o autor explicou que:

Pela primeira vez no processo de reprodução da imagem, a mão foi liberada das responsabilidades artísticas mais importantes, que agora cabiam unicamente ao olho. Como o olho apreende mais depressa do que a mão desenha, o processo de reprodução das imagens experimentou tal aceleração que começou a situar-se no mesmo nível que a fala. Se o jornal ilustrado estava contido virtualmente na litografia, o cinema falado esta contido virtualmente na fotografia (BENJAMIN, 2012, p. 181).

O surgimento e a difusão da fotografia mudou a percepção de mundo das pessoas e influenciou as práticas sociais. Segundo Lima e Carvalho (2009), as fotografias contribuíram com a democratização da informação, além de, através do retrato fotográfico, promover novos hábitos e novas formas de sociabilidades entre as pessoas.

A fotografia não está ligada a um “inventor”, mas um conjunto de pioneiros na Europa e na América, a exemplo do francês radicado no Brasil Hercule Florence (1804 – 1877),

considerado por Boris Kossoy (2006) um inventor isolado da fotografia. A literatura especializada costuma mencionar outros pioneiros, a exemplo de Daguerre (1787 – 1851) e George Eastman (1854 – 1932). Contudo, os trabalhos desses e de outros inventores ocorreram em um contexto histórico marcado pelo desenvolvimento da ciência e da tecnologia, que permitiu a fixação físico-química de imagens visuais, assim como sua reprodução mecânica (BAURET, 1992).

A relação entre ciência, tecnologia e fotografia fez com que, no imaginário social, os conteúdos das imagens fotográficas ganhassem peso de verdade. Ou seja, segundo constatou Philippe Dubois (2012), inicialmente a fotografia foi considerada um registro fidedigno da realidade. A foto, devido à forma com que ela era produzida, foi considerada uma espécie de “prova” que atesta indubitavelmente aquilo que ela mostra.

Essa virtude irredutível de testemunho baseia-se principalmente na consciência que se tem do processo *mecânico* de produção da imagem fotográfica, em seu modo específico de constituição e existência: o que se chamou de *automatismo de sua gênese técnica* [grifos no original] (DUBOIS, 2012, p. 25).

A fotografia, concluiu Dubois (2012, p. 25), “pelo menos aos olhos da *doxa* e do senso comum, não pode mentir”.

Paralelamente ao surgimento e à expansão da fotografia, também houve o desenvolvimento da imprensa. Durante a transição dos oitocentos para os novecentos, surgiram os primeiros grandes jornais e revistas, cujas ilustrações incorporaram as inovações oriundas da fotografia. Nessas circunstâncias surgiu, na primeira metade do século XX, o fotojornalismo, informa Tom Hopkinson (2017). Segundo esse autor, o fotojornalismo permitiu uma nova forma do público entrar em contato com o mundo ao seu redor, tendo como mediação as imagens fotográficas.

Para Jorge Pedro de Sousa (2002), o fotojornalismo é uma forma de linguagem que recorre à conciliação entre escrita e imagem fotográfica, estas últimas, protagonistas na composição das publicações fotojornalísticas. “Quando poderosas, as imagens fotográficas conseguem evocar o acontecimento representado (ou as pessoas) e a sua atmosfera”, explica Sousa (2002, p. 9). Em uma época em que a técnica serviu de lastro para discursos sobre a objetividade da fotografia, o fotojornalismo uniu a força noticiosa com a força visual das fotos, consideradas pelo público um registro fidedigno da realidade.

O auge do fotojornalismo foi atingido entre os anos de 1935 e 1955, período este em que foram lançadas as revistas “Life” (Estados Unidos, 1936), “Picture Post” (Inglaterra, 1937) e “Match” (França, 1938) (HOPKINSON, 2017).

1.1 Fotojornalismo e guerra.

Desde a segunda metade dos oitocentos, os conflitos militares são um tema recorrente na fotografia. Junto com o desenvolvimento da grande imprensa e de novas tecnologias (máquinas e suportes para a revelação e a impressão de fotos), as guerras contribuíram com o surgimento do fotojornalismo. A partir da Guerra da Criméia (1853 – 1856), os conflitos militares são temas privilegiados no jornalismo. As batalhas e as campanhas permitiram imagens espetaculares e sensacionais, cuja produção foi estimulada por uma demanda do público e pelos interesses propagandísticos por parte dos países beligerantes. No fotojornalismo dos conflitos militares, as fronteiras entre a informação e a propaganda de guerra se tornaram incertas (BAURET, 1992).

Durante a Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), as relações entre fotografia e propaganda de guerra foram estreitadas. Segundo José Pedro Mataloto (2015), foi nesse conflito que as primeiras ações formais de guerra psicológica foram empreendidas. Através da criação de unidades militares especializadas, procurou-se influenciar ou mesmo alterar as percepções que o público civil e militar possuía de seus aliados e inimigos.

A respeito das operações de guerra psicológica, das quais a propaganda faz parte, Mataloto (2015, p. 19) explica que:

As operações psicológicas são portanto atividades planejadas que utilizam, entre outros, meios de comunicação, e se dirigem a audiências-alvo aprovadas, de forma a influenciar percepções, atitudes e comportamentos, contribuindo assim para a prossecução dos objetivos de uma operação, de uma campanha ou de uma guerra. No fundo, pretende-se enfraquecer a vontade dos adversários, reforçar os sentimentos dos amigos e ganhar apoio e a cooperação dos indecisos.

Em 1914, foi criado pelo governo inglês o *War Propaganda Bureau*. Reorganizado em 1916, passou a ser chamado de *Department of Information*. Estima-se que, durante a Primeira Guerra Mundial, ele produziu mais de 25 milhões de instrumentos de guerra psicológica, entre eles, inúmeras imagens visuais, entre as quais, fotografias (MATALOTO, 2015).

Apesar de reconhecer a importância da Primeira Guerra Mundial no uso da comunicação visual como meio de operações psicológicas e propaganda de guerra, Furio Colombo (2017) estabelece a Guerra Civil Espanhola (1936 – 1939) como marco na utilização de fotografias e demais imagens visuais por fações e nações beligerantes. No caso específico da Espanha, entre nacionalistas e republicanos. De acordo com o autor, a guerra civil permitiu o surgimento de um novo e poderoso campo de participação, emoção, indignação e exaltação.

A Segunda Guerra Mundial (1939 – 1945) coincidiu com o auge do fotojornalismo e com o desenvolvimento de novos meios de comunicação, a exemplo do cinema e do rádio. Durante o conflito, as operações de guerra psicológica, através dos meios de comunicação e da propaganda de guerra foram massificadas e empregadas por todos os países beligerantes, aliados ou do eixo. É o que mostra com detalhes a obra de Phillip Knightley (1978). Nela, as fronteiras entre informação verídica e propaganda de guerra desapareceram motivadas pela guerra total que afetou tanto as frentes de combate quanto as retaguardas civis em diversos lugares do mundo, a exemplo do então pequeno município catarinense de São Bento do Sul.

A respeito dos Estados Unidos, Knightley (1978) revela que sua propaganda de guerra visou difundir a imagem de uma América perfeita e justa, que estava a caminho de uma vitória rápida e total. Para isso, prossegue o autor, a produção e a veiculação de peças publicitárias de guerra se tornaram muito mais “científica”. Funcionaram órgãos públicos civis e militares de comunicação social responsáveis pela produção de imagens e textos escritos sobre o esforço de guerra americano. Correspondentes de guerra foram convencidos da importância da censura sobre suas fontes e matérias.

No caso específico da América Latina, a propaganda de guerra americana também estava relacionada com a política de “Boa Vizinhança”, conduzida pela gestão do presidente Franklin Delano Roosevelt (1882 – 1945). Na prática, as ações de propaganda de guerra nos países latino-americanos foram orquestradas pelo Escritório do Coordenador de Assuntos Interamericanos, através dos seus comitês nacionais, a exemplo do Brasil. Além de motivar os brasileiros para o esforço de guerra, a propaganda de guerra americana veiculada pela imprensa nacional da época também difundiu uma imagem dos Estados Unidos como um modelo de moralidade e progresso a ser seguido (LOCASTRE, 2017).

Mas, e os alemães? Como civis e militares aparecem nessa propaganda, em especial nas fotografias fornecidas pelas agências de notícias Interamericana e Serviço de Informação do Hemisfério – SIH?

2. Alemães ou nazistas?³

Ao avaliar os usos da fotografia, ao longo da história, Boris Kossoy (2009) conclui que, por um lado, as imagens fotográficas têm valor incontestável como uma forma de registro das diversas atividades humanas e seus reflexos sobre a natureza e as próprias pessoas. Porém, por outro lado, desde os seus primórdios, as fotografias se prestam aos mais variados interesses e usos dirigidos.

As diferentes ideologias, onde quer que atuem, sempre tiveram na imagem fotográfica um poderoso instrumento para a veiculação das ideias e da consequente formação e manipulação da opinião pública, particularmente, a partir do momento em que os avanços tecnológicos da indústria gráfica possibilitaram a multiplicação massiva de imagens através dos meios de informação e divulgação (KOSSOY, 2009, p. 20).

No caso das fotografias analisadas neste trabalho, procurou-se difundir entre o público uma representação sobre a Alemanha e os militares alemães como “inimigos da civilização” e “nazistas”, através de uma combinação entre fotografia e legenda, pois as imagens fornecidas pelas agências de notícias eram acompanhadas de etiquetas fixadas em seus versos, com textos explicativos em português, que eram usados como legendas, quando das suas publicações em jornais e revistas.

É o que mostra a figura 1. Nela, aparece uma fotografia fornecida pela Interamericana, publicada na edição do jornal **O aço**, de 10 de julho de 1943. Seu título é “Artífices da Vitória” e nela foram retratados o presidente dos Estados Unidos Franklin Roosevelt e o primeiro-ministro britânico Winston Churchill (1874 – 1965), durante uma reunião na Casa Branca, em Washington, em junho de 1943.



Figura 1: ARTÍFICES da vitória. **O aço**, Serra Alta, v. 7, n. 45, p. 1, 10/07/1943. Coleção: Arquivo Histórico de São Bento do Sul.

³ Foge ao escopo deste artigo uma discussão conceitual e historiográfica sobre o Nazismo e seus sujeitos históricos. Contudo, o autor entende o Nacional-Socialismo como parte de um conjunto de movimentos e regimes políticos denominado “fascismos históricos”, segundo a classificação feita por Saccomani (2002) e a análise sociológica empreendida por Mann (2008).

Além de reforçar a aliança entre os Estados Unidos e a Grã-Bretanha, e a determinação desses países com a vitória na guerra, os alemães são rotulados como os “inimigos da civilização”, conforme é possível ler no final da legenda publicada ao lado da fotografia. As oposições entre “liberdade” (aqui como um sinônimo para democracia) e “escravidão”, entre “civilização” e “barbárie” foram recursos retóricos comuns na propaganda de guerra dos Estados Unidos já na Primeira Guerra Mundial (1914 – 1918), em que os alemães foram rotulados como “hunos”, segundo explica Daniel Schönplflug (2018). Ao longo das décadas posteriores ao fim da Segunda Guerra Mundial, essas representações contribuíram com uma memória social na qual esse conflito é recordado como uma “boa” guerra do povo contra o Fascismo (PURDY, 2011).

A associação entre os alemães e o Nazismo é também reforçada pela legenda da fotografia “General Capturado”, publicada na edição de 21 de agosto de 1943, do jornal **O Aço**, segundo a qual:

Na fotografia vemos o General [Hans-Jürgen] Von Armin [sic.], comandante das forças nazistas na Tunísia, quando chegava na Inglaterra, na qualidade de prisioneiro, depois da formidável derrota que sofreu. Von Armin [sic.] aguardará a prisão o momento de ser julgado pelos crimes que cometeu” [grifos meus] (GENERAL..., 1943, p. 4).

A fotografia publicada (figura 2), da qual a legenda transcrita faz parte, foi reenquadrada. A imagem original, feita pelo fotógrafo inglês Edward George Warris Hulton (1906 – 1988), era mais aberta, com um General Hans-Jürgen von Arnim (1889 – 1962) mais distante da câmera. A manipulação das fotografias feitas pelos correspondentes de guerra foi algo corriqueiro, segundo Erika Zerwes (2016). Os fotógrafos tiravam suas fotos e enviavam os negativos para revelação, reenquadramento e/ou retoques necessários para publicação. É o caso, por exemplo, de uma imagem icônica conhecida como “A mãe de Estremadura”, cujo autor é o fotógrafo David Seymour “Chim” (1911 – 1956). Um ícone da Guerra Civil Espanhola, a fotografia original tirada pelo fotógrafo era mais aberta, sendo reenquadrada para ser publicada.

A fotografia de Chim reenquadrada passou assim a simbolizar o grande sofrimento que a guerra trouxe à população espanhola frente a um inimigo sem proporções humanas, mas sim tecnológico e mortífero, em um conflito que não respeitou delimitações de frentes de batalha, atacando igualmente combatentes e não combatentes (ZERWES, 2016, p. 14).



Figura 2: GENERAL capturado. *O aço*, Serra Alta, v. 7, n. 51, p. 4, 21/08/1943. Coleção: Arquivo Histórico de São Bento do Sul.

Segundo a legenda, além de comandante das “forças nazistas”, o General Von Arnim também foi rotulado de criminoso, na medida em que na própria legenda prevê que ele fosse “julgado pelos crimes que cometeu”. Embora o General fosse prisioneiro de guerra na Inglaterra e nos Estados Unidos até 1947, ele não foi acusado de crimes de guerra ou contra a humanidade.

Em 24 de outubro de 1944, foi lançado em São Bento do Sul o jornal **Planalto**. Contudo, foi somente a partir de janeiro de 1945, que fotografias sobre o esforço de guerra dos Estados Unidos voltaram a ser publicadas na imprensa local, sendo fornecidas pelo Serviço de Informação do Hemisfério – SIH.

Diferente das épocas em que as fotografias foram fornecidas pela RDV e Interamericana, as imagens oriundas do SIH foram publicadas com muita regularidade, entre as edições do jornal **Planalto** de 13 de janeiro a 20 de outubro de 1945. Poucas edições circularam sem fotografias e muitas delas com mais de uma imagem. Como no material da Interamericana, as fotos eram acompanhadas de títulos e legendas, a exemplo da figura 3. Com o título “Fortificação bombardeada”, soldados do exército dos Estados Unidos examinam os escombros de uma “fortificação nazista”, localizada na cidade alemã de Geilenkirchen, situada no estado da Renânia do Norte-Vestfália, oeste da Alemanha. A operação ocorreu em dezembro de 1944 e, mais uma vez, não se tratou de uma fortaleza alemã, mas “nazista”, como se todas as forças combatentes da Alemanha fossem vinculadas ao Nazismo⁴.

⁴ As relações entre as Forças Armadas da Alemanha, em particular, o Exército, e o regime nacional-socialista são complexas e controversas. Os setores mais revolucionários do movimento nazista, em especial, sua milícia,



Figura 3: FORTIFICAÇÃO bombardeada. *Planalto*, Serra Alta, v. 1, n. 12, p. 2, 13/01/1945. Coleção: Arquivo Histórico de São Bento do Sul.

Entre as edições de janeiro e outubro de 1945, além de “fortaleza nazista”, as seguintes expressões aparecem nas legendas das fotografias publicadas no jornal: “defensores nazistas”; “posição nazista”; “prisioneiros nazistas”; “veículos nazistas”; “exército nazista”; “propaganda nazista”; “soldados nazistas”. Há poucos exemplos em que militares alemães são identificados como somente “alemães”. Por outro lado, entre 1944 e 1945, ocorreu o avanço militar aliado sobre o território alemão. Nas fotografias em que aparecem civis, estes não são rotulados como nazistas, mas identificados como “civis alemães” ou “refugiados alemães”.

É o caso da legenda da fotografia intitulada “Refugiados alemães”, segundo a qual “civis alemães, evacuados da zona de combate, conversando com soldados americanos quando estavam de regresso aos seus lares (REFUGIADOS... 1945, p. 3). Ou, na edição de 17 de fevereiro de 1945: “No território da Alemanha ocupada [...] civis alemães ajudam um soldado americano a ler cartazes em alemão” (NO TERRITÓRIO... 1945, p. 3). Em ambas fotografias e legendas, imagens e textos escritos sugerem uma boa relação entre os soldados do exército americano e os civis alemães, estes, considerados vítimas da guerra. Imagens em que militares dos Estados Unidos interagem cordialmente com as populações civis dos territórios pelos quais eles marcharam são recorrentes na propaganda de guerra aliada e reforçam o caráter libertador da “cruzada” aliada na Europa.

liderada pelo ex-Capitão do Exército Imperial Ernst Röhm (1887 – 1934), defendia sua fusão com o Exército, com o objetivo de completar a revolução nazista e formar um verdadeiro exército nacional-socialista. Apesar de diversas obras contemporâneas relatarem a íntima relação entre as Forças Armadas e o Nazismo, é difícil mensurar o grau de adesão dos soldados, suboficiais, oficiais e generais à ideologia nacional-socialista. No Brasil, a respeito desse tema, recomenda-se os trabalhos de Richard Bessel (2014) e da dupla Sönke Neitzel e Harald Welzer (2014).

Até as operações militares da Força Expedicionária Brasileira – FEB, durante sua participação na Campanha da Itália, entre 1944 e 1945, seus adversários foram representados como “nazistas”, conforme mostra a figura a seguir:



Figura 4: ARTILHARIA brasileira ataca uma posição nazista na Itália. *Planalto*, Serra Alta, v. 1, n. 15, p. 5, 03/02/1945. Coleção: Arquivo Histórico de São Bento do Sul.

A desmoralização das forças combatentes da Alemanha, através das fotografias fornecidas pelo SIH e suas legendas, foi além da rotulação como “nazistas”. Em duas fotografias publicadas, respectivamente, nas edições de 29 de março e de 02 de junho de 1945, aparecem diversos combatentes alemães na condição de prisioneiros dos americanos. No caso da edição de junho, a fotografia retratou soldados cansados, derrotados e mal vestidos. O impacto da imagem publicada foi reforçado com a seguinte legenda: “[...] Deprimidos e mal vestidos, esses soldados nazistas, aprisionados pelo exército norte-americano, são os representantes dos contingentes que foram capturados durante a invasão do território alemão” (CAPTURADO... 1945, p. 2).

Outra forma de quebrar a moral alemã foi através da publicação de imagens em que a própria propaganda de guerra da Alemanha foi alvo de escárnio. Em particular, os panfletos destinados aos soldados americanos. Esse é o caso da fotografia publicada na edição de 28 de abril, em que soldados dos Estados Unidos estão a rir dos impressos alemães destinados a eles. “Propaganda inútil. [...]. Soldados norte-americanos fazem pouco da propaganda nazista para abater seu espírito combativo. A propaganda nazista só produz sarcasmo no meio desses homens” (PROPAGANDA..., 1945, p. 6).

Mesmo após o término da Segunda Guerra Mundial na Europa, em 08 de maio de 1945, e o território alemão dividido em zonas de ocupações aliadas, fotografias sobre o esforço de guerra americano continuaram a ser fornecidas pelo SIH e publicadas nas edições

do jornal **Planalto**. Entre os temas das fotografias publicadas, há destaque para os avanços tecnológicos dos Estados Unidos que, após o conflito, serão introduzidos na vida civil e melhorarão a vida das pessoas. Promessas para o futuro, como em outras publicações de origem americana, a exemplo das “Seleções do Reader’s Digest”, publicadas em língua portuguesa a partir de 1942 (JUNQUEIRA, 1996).

Paralelamente, ocorreu a revelação dos campos de concentração e de extermínio alemães, descobertos em diversos locais da Alemanha e da Europa libertada. Os genocídios de judeus e de outras nacionalidades ou minorias religiosas e sociais passaram a fazer parte do fotojornalismo e reforçaram a associação entre o Nazismo e a perpetração de crimes de guerra e/ou contra a humanidade, conforme mostra a figura a seguir.



Figura 5: EM Dachau. **Planalto**, Serra Alta, v. 1, n. 39, p. 3, 21/07/1945. Coleção: Arquivo Histórico de São Bento do Sul.

Nessa fotografia, aparecem diversos cadáveres de prisioneiros encontrados no Campo de Concentração de Dachau, próximo da cidade de Munique, na Alemanha. Ele foi construído em 1933, quando da nomeação de Adolf Hitler (1889 – 1945) para a o cargo de Chanceler. O Campo foi libertado por efetivos da 42ª Divisão de Infantaria do Exército dos Estados Unidos, no dia 29 de abril de 1945. “Em Dachau”, foi a única fotografia publicada na imprensa são-bentense em que cadáveres humanos foram retratados explicitamente.

A eloquência dessa fotografia foi reforçada pela seguinte legenda: “Centenas de cadáveres foram encontrados pelas tropas norte-americanas no Campo de Concentração de Dachau. Encostados a uma parede esperando serem lançados no forno crematório” (EM Dachau... 1945, p. 3).

Considerações finais.

As fotografias examinadas neste trabalho foram produzidas e publicadas em um contexto de conflito mundial, em que a comunicação fez parte dos esforços de guerra tanto dos aliados quanto das potências do Eixo. À época, o realismo fotográfico era algo incontestável, pelo menos entre o público alvo das imagens fotográficas veiculadas pelas agências de notícias dos países beligerantes.

No caso do material fotojornalístico examinado, fornecido pelas agências Interamericana e SIH, procurou-se divulgar uma representação em que as forças combatentes da Alemanha foram associadas ao Nazismo e a todo um julgamento moral decorrente dessa associação. A rotulação foi fundamentada por fotografias e legendas que procuraram desmoralizar militarmente e moralmente as forças terrestres alemãs ao representarem seus efetivos na condição de prisioneiros de guerra, por exemplo.

Nessas circunstâncias, mesmo oficialmente sendo classificada como “informação”, segundo constatou Locastre (2017), as matérias e as fotografias fornecidas pela Interamericana e pelo SIH aos jornais **O aço** e **Planalto**, assim como a outros periódicos espalhados pelo Brasil da década de 1940, serviram como meios de propaganda de guerra. Porém, após o término do conflito, em 1945, elas foram transformadas em fontes históricas que ilustram livros e sustentam a memória social sobre a Segunda Guerra Mundial, especialmente quando são levadas em consideração as afirmações de Kershaw (2016) e Koselleck (2014), para os quais esse conflito marcou as memórias e moldou as políticas e as sociedades ao longo das décadas seguintes.

Como ensina Jacques Le Goff (1996), os documentos e os monumentos são os materiais que “dão” forma à memória e à história. Contudo, eles não surgem naturalmente, sendo resultados de operações de escolhas e seleções intencionais por arquivistas, historiadores e demais pessoas ligadas às atividades voltadas à preservação e narração do passado. Ao estudarmos essas imagens, também contribuímos para compreensão crítica das próprias fontes com as quais a memória acerca da Segunda Guerra Mundial é preservada e sua história é escrita.

Referências.

Matérias publicadas nos jornais **O aço** e **Planalto**.

ARTÍFICES da vitória. **O aço**, Serra Alta, v. 7, n. 45, p. 1, 10/07/1943.

ARTILHARIA brasileira ataca uma posição nazista na Itália. **Planalto**, Serra Alta, v. 1, n. 15, p. 5, 03 fev. 1945.

CAPTURADO. **Planalto**, Serra Alta, v. 1, n. 32, p. 2, 02 mar. 1945.

EM ATIVIDADES os tribunais nazistas. **O aço**, São Bento, v. 7, n. 29, p. 1, 20 mar. 1943.

EM Dachau. **Planalto**, Serra Alta, v. 1, n. 39, p. 3, 21 jul. 1945.

FORTIFICAÇÃO bombardeada. **Planalto**, Serra Alta, v. 1, n. 12, p. 2, 13 jan. 1945.

GENERAL capturado. **O aço**, Serra Alta, v. 7, n. 51, p. 4, 21 ago. 1943.

NO TERRITÓRIO da Alemanha ocupada. **Planalto**, Serra Alta, v. 1, n. 17, 17 fev. 1945, p. 3.

O AUXÍLIO à Rússia. **O aço**, São Bento do Sul, v. 7, n. 29, p. 1, 20 mar. 1943.

PLANALTO. **Planalto**, Serra Alta, v. 1, n. 1, p. 1, 24 out. 1944.

PROPAGANDA inútil. **Planalto**, Serra Alta, v. 1, n. 27, 28 mar. 1945, p. 6.

REFUGIADOS alemães. **Planalto**, Serra Alta, v. 1, n. 15, p. 3, 03 fev. 1945.

Artigos e livros.

BARBOSA, Marialva. Uma história da imprensa (e do jornalismo): por entre os caminhos da pesquisa. **Intercom – RBCC**, São Paulo, v. 41, n. 2, p. 21 – 36, maio/ago. 2018.

BAURET, Gabriel. **A fotografia: história, estilos, tendências e aplicações**. Lisboa: Edições 70, 1992 (Arte & Comunicação).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**. 8. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012 (Obras Escolhidas; v. 1).

BESSEL, Richard. **Nazismo e guerra**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2014.

CAMPESTRINI, Carlos Augusto. **São Bento do Sul na Segunda Guerra Mundial**. São Bento do Sul: JL Ltda., 2008.

COLOMBO, Furio. Fotografia e información de guerra. *In.*: INDIJ, Guido; SILVA, Ana (orgs.). **Clic! Fotografia y sociedade**. Buenos Aires: La Marca Editora, 2017 (Biblioteca de la mirada).

DUBOIS, Philippe. **O ato fotográfico e outros ensaios**. 14. ed. Campinas: Papirus, 2012 (Série Ofício de Arte e Forma).

GOULART, Silvana. **Sob a verdade oficial: ideologia, propaganda e censura no Estado Novo**. São Paulo: Marco Zero, 1990 (Onde está a República?).

HOPKINSON, Tom. El mundo ilustrado. *In.*: INDIJ, Guido; SILVA, Ana (orgs.). **Clic! Fotografía y sociedade**. Buenos Aires: La Marca Editora, 2017 (Biblioteca de la mirada).

JUNQUEIRA, Mary. Seleções do Reader's Digest: o olhar norte-americano sobre a América Latina. **História revista**, Goiânia, v. 1, n. 2, p. 95 – 105, jul./dez. 1996.

KERSHAW, Ian. **De volta do inferno: Europa, 1914 – 1949**. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.

KNIGHTLEY, Phillip. **A primeira vítima**. O correspondente de guerra como herói, propagandista e fabricante de mitos, da Criméia ao Vietnã. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978.

KOSELLECK, Reinhart. **Estratos do tempo: estudos sobre história**. Rio de Janeiro: Contraponto; PUC-Rio, 2014.

KOSSOY, Boris. **Realidades e ficções na trama fotográfica**. 4. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.

_____. **Hercule Florence: a descoberta isolada da fotografia no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Edusp, 2006.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. 4. ed. Campinas: Unicamp, 1996 (Coleção Repertórios).

LIMA, Solange Ferraz de; CARVALHO, Vânia Carneiro de. Fotografias: usos sociais e historiográficos. *In.*: PINSKY, Carla Bassanezi; LUCA, Tânia Regina de (orgs.). **O historiador e suas fontes**. São Paulo: Contexto, 2009.

LOCASTRE, Aline Vanessa. **Seduções impressas: a veiculação do paradigma estadunidense no Brasil em tempo de Segunda Guerra Mundial**. Curitiba: Editora CRV, 2017.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In.*: PINSKY, Carla Bassanezi (org.). **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

MANN, Michael. **Fascistas**. Rio de Janeiro: Record, 2008.

MATALOTO, José Pedro. Postais da Primeira Guerra Mundial: instrumentos de influência e de ação psicológica. *In.*: VENTURA, António. **Portugal na Grande Guerra: postais ilustrados**. Lisboa: Edições Tinta-da-China, 2015.

NEITZEL, Sönke; WELZER, Harald. **Soldados: sobre lutar, matar e morrer**. São Paulo: Companhia das Letras, 2014.

PERAZZO, Priscila Ferreira. **O perigo alemão e os mecanismos de repressão policial no Estado Novo**. São Paulo: Arquivo do Estado, 1999 (Coleção Teses & Monografias; v. 1).

PURDY, Sean. A Segunda Guerra Mundial e os EUA como “world cop”. *Apud* KARNAL, Leandro (et. al.) **História dos Estados Unidos**: das origens ao século XXI. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RABITZSCH, Daniel Stahlke; OLIVEIRA NETO, Wilson de. A guerra da Alemanha: fotografias da *Wehrmacht* publicadas na imprensa periódica de São Bento do Sul (1939 – 1942). **Caderno de iniciação à pesquisa (Univille)**, Joinville, v. 20, p. 143 – 150, 2018.

SACCOMANI, Edda. Fascismo. *In.*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco (orgs.). **Dicionário de política**: vol. 1. 12. ed. Brasília; São Paulo: Editora da UnB; Imprensa Oficial do Estado, 2002.

SCHÖNPFLUG, Daniel. **A era do cometa**: o fim da Primeira Guerra Mundial e o limiar de um novo mundo. São Paulo: Todavia, 2018.

SEYFERTH, Giralda. **Nacionalismo e identidade étnica**. Florianópolis: FCC Edições, 1982.

SOUSA, Jorge Pedro. **Fotojornalismo**: uma introdução à história, às técnicas e à linguagem da fotografia de imprensa. Porto: edição do autor, 2002.

TOTA, Antonio Pedro. **O imperialismo sedutor**: a americanização do Brasil na época da Segunda Guerra. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

ZERWES, Erika. A fotografia ícone: imagens de guerra icônicas e a cultura visual contemporânea. **Studium 38**, Campinas, p. 5 – 24, nov. 2016.

Recebido em 31 de agosto de 2019

Aprovado em 07 de fevereiro de 2020